

A ORIGEM DO COLÉGIO CORAÇÃO DE MARIA E A RELAÇÃO COM O BAIRRO DA VILA NOVA

Paloma Lopes Barboza

Resumo

O presente artigo tem como objetivo estudar uma fase da história do Colégio Coração de Maria entre 1944 e 1972 e a formação de normalistas, desvelando as práticas educacionais características da época. Objetiva também analisar os elementos culturais que deram suporte a essas práticas. Esse trabalho pretende contribuir para as discussões em torno da função social da escola e da escolaridade na primeira metade do século XX. Visa observar a relação da escola com o bairro, com as famílias e outras instituições. Discute a formação de mulheres e seu espaço de representação na sociedade. Como fontes de dados foram utilizadas as plantas das edificações, iconografia, trabalhos escolares das próprias alunas, contendo suas impressões sobre o entorno escolar, além de seus relatos orais.

Palavras-chave: espaço escolar; instituições escolares; cultura e práticas escolares.

Abstract

The aim of this article is to study the history of the “Colégio Coração de Maria” between 1944 and 1972 and its teacher training course, showing educational practices that were typical of this time. It also aims to analyse the cultural elements that took part in this practice. This work intends to contribute to discussions about the social function of this school and of schooling in the first half of the twentieth century. It observes the relationships between school and its neighborhood, families and others institutions. It discusses the education of women and their representative space in society. The data was obtained through school architectural plan, iconography, school works containing students views about the neighborhood and interviews.

Keywords: school space; school institutions; culture and curriculum practices.

O espaço escolar, além de abranger elementos como território e lugar, carrega consigo um certo significado e simbolismo, fruto das relações sociais existentes entre os envolvidos nessa prática. O espaço, neste caso, deve ser visto como algo que se vislumbra ou se projeta. Já o lugar, um produto da construção social.

Segundo Escolano (2001, p.26):

[...] o espaço escolar tem de ser analisado como um constructo cultural, que expressa e reflete, para além de sua materialidade, determinados discursos[...]. O espaço escolar enquanto território passa a receber a influência do meio externo ao mesmo tempo que se divide, em virtude das diferentes ações que nele se realizam.

Frago (2001, p.80) destaca que:

[...] o espaço escolar torna-se, assim, no seu desenvolvimento interno, um espaço segmentado no qual o ocultamento e o aprisionamento lutam com a visibilidade, a abertura e a transparência. A racionalização burocrática – divisão do tempo e do trabalho escolares – e a gestão racional do espaço coletivo e individual fazem da escola um lugar em que adquirem importância especial a localização e a posição, o deslocamento e o encontro dos corpos, assim como o ritual e o simbólico [...].

Na arquitetura escolar encontram-se inscritas, portanto, dimensões simbólicas e pedagógicas. O espaço escolar passa a exercer uma função educativa dentro e fora dos seus contornos. Ele exige determinadas pautas de comportamento e influência na percepção e representação que as pessoas fazem dele, as quais se vincula, por sua vez, tanto à percepção da disposição material quanto de sua dimensão simbólica. Rosa Fátima de Souza assim se manifesta: “Por entre salas de aula, pátios e jardins a criança incorpora uma ética e uma corporeidade inscritas no espaço escolar”. (1998, p.124)

No Brasil, a partir da instauração do regime republicano, as edificações adquirem um maior simbolismo, expressando as características desse período e colaborando para a construção da identidade das instituições educativas.

Um dos elementos primordiais na configuração da cultura escolar de uma determinada instituição escolar juntamente com a disposição e os usos do tempo, os discursos e as tecnologias de comunicação nela utilizados, é a distribuição e o uso dos espaços, ou seja, a dupla configuração deste último com o território.

[...] a instituição escolar ocupa um espaço, que se torna, por isso, lugar. Um lugar específico, com características determinadas, aonde se vai, onde se permanece umas certas horas de certos dias, e de onde se vem. Ao mesmo tempo, essa ocupação e sua conversão em lugar escolar leva consigo sua vivência como território por aqueles que com eles se relacionam. Desse modo é que surge, a partir de uma noção objetiva – a de espaço-lugar – uma noção subjetiva, uma vivência individual ou grupal, a de espaço-território (FRAGO , 2005, p.17) .

Mesmo com o crescente aumento na demanda de matrículas, a então superiora, Madre Inês, recorreu à Geral da Congregação que sugeriu que as Irmãs não fechassem o Colégio, mas sim procurassem outros meios para mantê-lo. Foi então que Madre Inês recorreu ao Superior do Santuário do Coração de Jesus. Este indicou-lhe um terreno pantanoso em frente ao gasômetro da cidade e disse: “Lá é o lugar da sua futura casa”. Mas a surpresa maior ainda estava por vir. A obra recebeu uma doação no valor exato deste mesmo terreno, sito à Rua da Constituição 374 e com 360 metros quadrados, no trecho entre a Avenida Campos Sales e a Rua Marechal Pego Jr, ou melhor, Conselheiro Saraiva.

O Colégio é mantido pela Sociedade Civil “Educação e Caridade” legalmente constituída e registrada aos 16 de janeiro de 1911¹



*Primeira sede própria do Coração de Maria (1921)
Acervo: Congregação do Imaculado Coração de Maria*



*Interior da capela do Coração de Maria (década de 1950)
Acervo: Maria Aparecida Franco Pereira*

¹ Lei no. 193 de 10 de setembro de 1893

A construção do prédio foi feita em etapas. Tratava-se de uma edificação de dois andares, toda ela no alinhamento da rua, sem jardins circundantes, o que evidencia o distanciamento do espaço público e o isolamento para as suas atividades. A sua arquitetura é em parte imponente, devido à sua dimensão espacial, mas sóbria. A mesma passou por sucessivas reformas para adequar-se aos padrões de inspeção sanitária e também ao aumento da demanda do número de alunas. Dada a expansão do colégio, foi necessário anexar um novo edifício, na mesma rua. Em 1918 há construção da primeira capela integrada no conjunto do pavimento inferior, que passa a abrigar também um salão, dois quartos e alguns banheiros.

No caso da escola católica, a arquitetura escolar acabava por exercer uma ação educativa para além dos muros escolares ; os símbolos religiosos, a monumentalidade, eram parte de uma retórica arquitetônica que deveria contribuir para a construção da identidade da escola católica. Para as congregações religiosas, a educação cristã era a única forma de educação válida ; apenas através dos valores cristãos a juventude encontraria o verdadeiro conhecimento. Como sem o clero não há salvação, o trabalho educativo deveria acontecer em um local que demonstrasse toda a grandiosidade da fé católica ; além de ser visto como local destinado à aquisição do conhecimento, o edifício da escola católica deveria evidenciar a religiosidade da mesma . (CHORNOBAI, 2005, p.211).

A capela do Coração de Maria aparece discreta. O templo dos jesuítas, nas proximidades, é que encarnaria essa grandiosidade.

Em 31 de maio de 1918, a Diretoria Geral do Ensino de São Paulo passa a fiscalizar a escola, fato esse já obrigatório a todos os estabelecimentos de Ensino Primário do Estado de São Paulo. Nesse mesmo ano começam a funcionar paralelamente o ensino de Música, de Trabalhos Manuais e de Pintura, de adesão facultativa, complementar.

Na planta encontrada no processo de 1920 fica evidente a preocupação com a questão sanitária. No próprio documento há a relação das recomendações a serem seguidas, como por exemplo, a cobertura com tampas metálicas das caixas de descarga das latrinas e de todos os reservatórios de água. Os porões não deveriam ter divisões e não poderiam servir de moradia. Na construção das paredes ficava proibido o emprego de argamassa de argila e saibro. Todas essas advertências seguiam o artigo 355 do Código Sanitário.

Em 1911, foi inaugurada oficialmente a sede própria da escola, no referido endereço, no bairro da Vila Nova. Nesse espaço, o colégio continuou a desenvolver as suas atividades destinadas à formação da juventude feminina santista.

Na área central da cidade, o bairro da Vila Nova concentrava, à época, uma população de elevado padrão de vida e onde instalaram-se as mais importantes instituições escolares de Santos, vizinhas ao Coração de Maria:

Gymnasio Coração de Jesus – posteriormente renomeado Ginásio Santista: fundado em 1904 pelos Irmãos Maristas. Voltada para a formação masculina, inicialmente estabeleceu-se numa casa alugada à Rua Brás Cubas, no. 20, porém ao abrirem as matrículas constataram que a casa era insuficiente para abrigar tantos alunos. Dessa forma, as aulas tiveram início num palacete do espólio de João Octávio dos Santos (na Rua da Constituição, no. 82). Mas a permanência

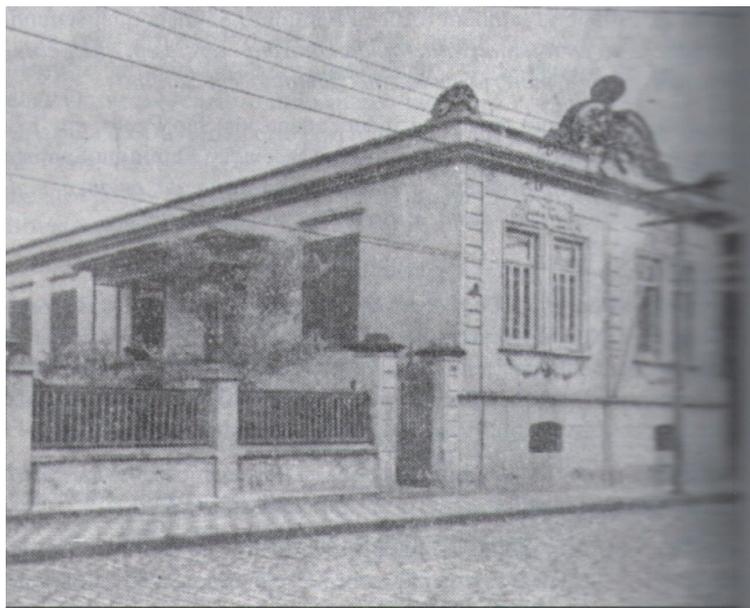
nesse local também foi temporária e em 1905 é adquirido o palacete de Francisco de Paula Ribeiro, personalidade ligada à Companhia Docas de Santos e ex-presidente da Associação Comercial de Santos. Essa edificação situava-se na Rua da Constituição no. 290, esquina da Rua Sete de Setembro. Por seus bancos escolares passaram importantes nomes da sociedade santista, uma vez que desde a sua fundação, o Colégio foi procurado pelas famílias mais ricas que desejavam oferecer aos seus filhos uma educação européia.



*Prédio do Colégio Santista no início do século XX
Acervo: Novo Milênio Santos*

Lyceu Feminino Santista – fundado em 1902, foi a primeira escola feminina secundária da cidade. Surgiu a partir dos esforços de Eunice Caldas, coordenando um grupo de senhoras da elite santista, agrupadas na Associação Feminina Santista. Suas primeiras aulas foram ministradas no prédio do Grupo Escolar Cesário Bastos, e posteriormente na Auxiliadora da Instrução e na Sociedade União Operária (todos no bairro). O prédio próprio data de 1905, sito à Rua da Constituição n. 321.

Já em 1903 funcionava com os seguintes cursos: Curso Complementar para professoras de escolas maternas e com duas classes de escolas maternas.



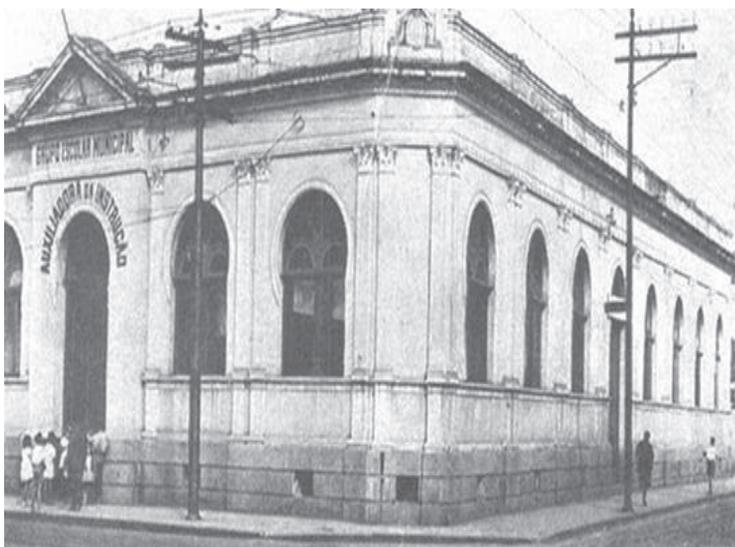
*Lyceu Feminino Santista – sede na rua da Constituição, 321
Acervo: Novo Milênio Santos*

Grupo Escolar César Bastos – fundado em 1900, foi o primeiro grupo estadual da cidade. Seu endereço inicial foi na esquina das ruas Brás Cubas e Sete de Setembro; em 1915 transferido para a Praça Narciso de Andrade, em outro bairro. Era reconhecido pelo alto padrão de disciplina e de ensino.



*Postal com a primeira sede do Grupo Escolar Cesário Bastos (1915)
Acervo: Novo Milênio Santos*

Academia do Comércio de Santos – data de 1907, mantida pela municipalidade ocupava um prédio situado à Rua Sete de Setembro, esquina com a Rua Brás Cubas, doado pela Sociedade Auxiliadora da Instrução, e oferecia o Curso Geral e o Curso Técnico, ambos voltados para a área comercial. Em 1912 a sede é transferida para o Palacete João Otávio, à Rua da Constituição, 86 e o nome do estabelecimento passa a ser Escola de Comércio José Bonifácio. Em 1913, o governo municipal alega não ter mais condições financeiras para manter a instituição e assim é criada a Associação Instrutiva José Bonifácio, de iniciativa particular. Em 1927, é criado o Curso Normal, com autorização do governo do Estado, sendo o primeiro de Santos reconhecido oficialmente como Escola de Formação. A partir de 1936 a sede transfere-se para a Avenida Conselheiro Nébias, também na Vila Nova.



*Em 1907, Grupo Escolar Municipal Auxiliadora da Instrução
Acervo: Maria Aparecida Franco Pereira*

Escola Noturna Santo Inácio – instituída em 1921, era mantida pela Congregação Mariana de Santos. Sediada inicialmente na Rua da Constituição 370, foi transferida para o número 327 para atender um número maior de alunos. Lá eram ministradas aulas de acordo com o programa oficial, além de uma instrução cívico-religiosa, habilitando os educando a serem cidadãos úteis à Pátria. Posteriormente, a obra ganha uma sede própria na Rua Sete de Setembro, no mesmo bairro da Vila Nova.



*Fachada da Escola Noturna Santo Inácio
Acervo: Novo Milênio Santos*

Paralelamente à instrução de alunas externas, o Colégio Coração de Maria mantinha o regime de internato, contando em 1936, com 60 meninas. Baseados em sólidos princípios morais e cristãos, atraía filhas de famílias que moravam no Vale do Ribeira e litoral norte do Estado. Sobre a questão da disciplina, convém destacar:

Para manter a boa ordem da disciplina, as alumnas serão constantemente vigiadas pelas mestras.- Nas correções que se hajam de fazer, seguir-se-á os sãos princípios da pedagogia, conforme a menor ou maior gravidade da falta. Evitam-se os castigos físicos.

- A falta habitual de aplicação e de subordinação da parte da alumna será motivo de exclusão. (Revista Flama)

Suely Aparecida Lima foi interna do Coração de Maria por dez anos (1952-1962) e nos relata um pouco da rotina de lá:

No internato não havia divisões por classe social, porque todas estávamos mais ou menos numa mesma posição, e se tinha alguma que o pai era mais rico, não se percebia, porque não tínhamos o costume de falar em coisas de valores. Não nos importávamos. Os horários eram assim:

6:00 h – acordar, lavar o rosto, escovar os dentes e tomar banho;

6:30 h – missa ;

7:00 h – café da manhã (café, leite, pão com manteiga), algumas tinham queijo, presunto, geléias... porque traziam de casa. Dividíamos com as da mesa.

7:30 até 12:30 h – aula ;

12:35 até 13:35 h – almoço : primeiro tínhamos sopa (todos os dias), depois salada (todos os dias) e acompanhando tinha arroz, filé ou galinha, verduras cozidas, batatas na manteiga com salsinha. Outra vez pescado. Comíamos pouco macarrão. De sobremesa tinha arroz doce, canjica, frutas e sorvete feito pelas próprias irmãs... que era delicioso ;

15:00 até 18:00 h – estudo (tinha alunas que ficavam até mais tarde quando estavam em prova);

19:00 h – jantar e sobremesa ;

19:45 até 20:30 h – digestão no pátio, onde conversávamos, corríamos;

20:30 h – subíamos ao dormitório, colocávamos a camisola que ia até quase o meio da canela, o chinelo de quarto, lavávamos o rosto, escovávamos os dentes e o cabelo. Voltávamos ao dormitório. A irmã da clausura tocava um sininho e três segundos depois saía da clausura. Todas estávamos ajoelhadas no chão, viradas em direção a ela. Orávamos e ela dizia: “Durma com Deus” e respondíamos: “Amém”. Geralmente ríamos, falávamos, cochichávamos... ao que a irmã dizia : “Vamos dormir”, era chamar uma vez, e em seguida as que faziam bagunça dormiam.

De domingo acordávamos mais tarde [...] Íamos à missa, depois tomávamos café... Podíamos tardar mais... Tínhamos o dia todo livre... Assim como também a partir do almoço do sábado.

Além dessas instituições educacionais, o bairro configurava-se como um importante centro religioso, agregando imponente templo católico do Coração de Jesus e a Congregação Mariana, dirigida pelos jesuítas e que reunia um grupo atuante na vida assistencial da cidade. Davam assistência também a um grupo de japoneses. Ainda no campo das associações religiosas, encontravam-se, nas adjacências, a Cruzada das Senhoras Católicas (1930), o Prato de Sopa Monsenhor Moreira (1930), a Casa do Senhor (internato e semi-internato de crianças pobres), o Pensionato das Irmãs Palotinas. Nas imediações, o gasômetro – Serviços de Eletricidade e Gás S/A, o antigo Mercado Municipal, o Clube XV, a Sociedade União Operária e o Albergue Noturno.

Entre fins do século XIX e início do século XX, as mais ricas e tradicionais famílias de Santos construíram palacetes e casarões na Vila Nova. Esses imóveis pertenciam a negociantes de café, advogados, médicos, funcionários públicos e comerciantes bem sucedidos. Figuras ilustres da sociedade santista, como por exemplo, Francisco Ribeiro, João Octávio, o comissário de café Pedro Aranha e Rober-

tina Simonsen (diretora do Lyceu Feminino Santista e mãe de Roberto Simonsen) mantinham seus palacetes no pequeno bairro de Vila Nova. O comércio, bastante emergente, concentrava-se nas vizinhanças, no Centro Velho.

Na análise dos livros de matrículas dos primeiros anos de funcionamento da instituição nota-se que grande parte das alunas residia nas proximidades do estabelecimento, em ruas do próprio bairro da Vila Nova e de bairros vizinhos como o Centro, o Paquetá e a Vila Macuco.

Sobre essa região, Araújo Filho (1965, p.61) descreve:

De fins do século passado às duas primeiras décadas do século atual, constituiu esta área uma zona eminentemente residencial fina, onde os maiores da praça de Santos tinham sua moradia. Os trechos finais das ruas General Câmara, João Pessoa (antiga do Rosário), Amador Bueno e São Francisco, bem como suas respectivas transversais, constituíam os quarteirões onde havia os casarões de beiral frente diretamente para a rua, com grupos de quatro, às vezes mais janelas, e quase sempre recobertos de azulejos. Assim, era um bairro residencial muito próximo da zona altamente comercial [...].

Para os lados da atual área do Mercado e suas proximidades, um bairro novo teve início na mesma época, com palacetes ainda mais finos que os casarões citados, constituindo a chamada Vila Nova (trechos atuais das ruas Bittencourt, Sete de Setembro, Marechal Pego Junior) e entre a Brás Cubas e Conselheiro Nébias.

O alunado que freqüentava a escola era composto em grande parte por uma elite comercial, embora houvesse também a presença de alunas de poucos recursos. Famílias tradicionais da cidade confiaram a educação de suas filhas ao Colégio Coração de Maria. Nas primeiras décadas encontramos registros de matrícula de integrantes da família Porchat de Assis, Bías Bueno, Moretzsohn, Ablas, Freitas Guimarães, Sérvulo da Cunha, Lobo Vianna, Votta, Passarelli, Hayden, Viegas, Tarquínio Silva, Assis Corrêa, Soter de Araújo, Paiva Magalhães, entre outras. Com a abertura do Curso Normal em 1944, encontramos registros da família Fialho, Crescenti, Stockler, Cauduro, Freire, Pires Castanho, Orselli, Rollemberg, dentre outras. Cabe ressaltar que uma parte das famílias citadas possuía alguma relação com a educação. É o caso, por exemplo, do Comendador Pedro Crescenti, renomado educador católico e importante expoente na gestão do Instituto Dona Escolástica Rosa – escola profissionalizante que atendia a toda a região da Baixada Santista.

De 1904 até 1933, a instituição manteve os cursos Jardim da Infância, Primário, Ginásio, Trabalhos Manuais, Pintura e Música. De 1933 a 1943, funcionou o Curso Comercial. O Curso Normal foi criado em 1944 e neste mesmo ano teve início o curso de Alfabetização de Adultos.

Nota-se que na década de 1920 há uma diminuição do número de matrículas. Fato esse pode ser explicado pela instalação, em 1924, de outras duas instituições católicas voltadas para o público feminino: o Colégio São José e o Colégio Stella Maris. Nas proximidades do Colégio Coração de Maria, o Grupo Escolar Estadual de Vila Macuco (1915).

Com a expansão das atividades educativas, o Colégio evoluiu espacialmente.

Em 1923, há o registro de uma alteração na disposição do espaço interno. No piso térreo: uma sala de estudos, uma sala de visitas e o gabinete da madre entre os dois cômodos. Um ambiente propício para a socialização. Defronte a sala de estudos, uma sala de aula, adjacente a um hall e uma área externa. Ainda neste pavimento, um salão e uma pequena área. Já no piso superior, a diretoria, circundada por duas salas de aula. Havia também dois pequenos quartos (destinados às alunas internas), um banheiro, um hall e outro pequeno salão.

Em 1936, havendo o Curso Primário crescido notavelmente, a Diretoria do Colégio resolve ampliar e funda o Curso Ginásial. A inspeção preliminar do mesmo foi concedida pelo Governo Federal nesse mesmo ano. Em 17 de março de 1942, o Presidente Getúlio Vargas concedeu a inspeção permanente.

Santos neste período é uma cidade que possui fundamentalmente uma economia baseada no setor terciário. Algumas das mais renomadas instituições educacionais da cidade abrem seus cursos comerciais. No caso do Coração de Maria, de 1933 a 1936. Mas somente em 1942, após a verificação da Divisão do Ensino Comercial obteve a licença para o funcionamento dos Cursos Propedêutico e Técnico de Secretário. Finalmente, a fim de acompanhar as modificações no Ensino Comercial obteve a transformação de Curso Secretário em Escola Técnica de Comércio de acordo com a Lei Orgânica do Ensino Comercial de 31 de dezembro de 1943.

Em 17 de março de 1944 foi requerida ao Diretor Geral do Departamento da Educação de São Paulo a abertura da Escola Normal Livre junto ao Colégio. Uma semana após o requerimento foi realizada uma inspeção preliminar do edifício e para atender à legislação vigente realizaram-se algumas adaptações. Alguns terrenos e casas contíguos ao colégio foram comprados, com a finalidade de ampliar as dependências. Assim, no térreo, três amplas salas de aula em formato retangular, um hall, o refeitório e um banheiro. No primeiro andar, mais quatro salas de aula no mesmo padrão das do andar inferior, e a diretoria, numa posição estratégica para facilitar a vigilância do corredor e das salas. Há ainda uma sala de espera e um hall. No segundo andar, os dormitórios e os banheiros para as alunas matriculadas em regime de internato. Anexo ao Curso Normal foi criado um curso gratuito para adultos, mantido para que as professoras normalistas pudessem começar a prática na carreira de professora. Obtendo a concessão do Departamento foram abertas as matrículas para o Curso Pré-Normal e efetivadas 19 alunas.

A origem do Curso Noturno de Alfabetização de Adultos está intimamente relacionada às comemorações do 1º. Centenário do Ensino Normal de São Paulo, onde um Comissão Central ficou incumbida de através de uma circular divulgar a campanha para a alfabetização de adultos. Dessa forma, a direção do Colégio consultou as normalistas e pré-normalistas que, por adesão espontânea, aceitaram participar dessa nova empreitada.

[...] fiz um estágio no próprio colégio, dando aula para adultos. Era à noite. Fiquei triste quando acabou porque era gostoso. Eram senhoras que vinham, coitadinhas, às vezes cheirando à cebola porque acabavam de sair do serviço, eram cozinheiras.... Era no próprio colégio, na classe onde eu era aluna e eu ensinando e elas aproveitavam, sabe? Só mulheres... Era um curso de alfabetização, porque elas não sabiam absolutamente nada. Era aprender a escrever, mas tinha que sentar e pegar na mão, fazer uma continha. Era um curso gratuito, as próprias freiras ofereciam [...] (Odete Mossio Bernardo).

O entorno do Colégio é muito bem descrito em um trabalho de investigação social realizado por alunas do 2º. ano do Curso Normal, em 1948:

Está situado no perímetro urbano, entre vizinhança saudável e é propriedade da sociedade. Dá frente para uma rua toda calçada e isenta de poeiras, pois, mantém a prefeitura local rigoroso serviço de higiene, sendo pouco movimentada. Não existem linhas de bondes ou vias férreas nas proximidades. O terreno onde se ergue o prédio do colégio é natural e de aterro antigo. Tem a declividade necessária ao escoamento das águas que são captadas em galerias ligadas à rede geral das ruas. As áreas livres medem 1 522, 25 metros quadrados. As áreas cobertas, inclusive galpão principal, possuem a totalidade de 458,56 metros quadrados. A atual Superiora Madre Ma. Alódia de S. Miguel se dedica com zelo ao melhoramento da Escola. Comprou os prédios vizinhos que pretende demolir para fazer uma construção dentro das regras da higiene escolar.

O bairro da Vila Nova já tinha perdido muito do seu “glamour”, mas não deixara de ser um bairro residencial:

Nas proximidades ficava o Liceu Feminino Santista que era enfrente ao Colégio Santista (dos Maristas), a Igreja que era muito bonita (do Sagrado Coração de Jesus)... Eram muitas famílias que moravam por ali. Na frente da escola eram casas modestas, porque ali tinha o Gasômetro, mas não tinha grandes casarões. O ambiente naquela região era bem Católico. (Maria Helena Freire).

Neste mesmo documento das alunas (1948), encontramos uma rica descrição do espaço interno do Colégio:

As salas de aula são de tamanho satisfatório, forma retangular com iluminação unilateral. Dispõem de bons quadros-negros, de massa adequada, embutidos nas paredes achando-se bem colocados em relação à luz das salas. Os rodapés e o teto são pintados a óleo e o restante de cor clara sem brilho. As janelas são dispostas de modo a receber a luz solar pela esquerda das alunas. As carteiras são individuais e bem adaptadas à estatura das alunas.

Em 1950, ocorreu uma reconfiguração do espaço escolar. No auge, o colégio contou com dez amplas, espaçosas e ventiladas salas de aula. Todas em formato retangular e dispostas no mesmo corredor. Há a construção da sala dos professores e de espaços destinados à prática de atividades esportivas, como a quadra de esportes e uma sala de ginástica. O pátio do recreio também é ampliado e as alunas ganham mais espaço para correr e brincar. No primeiro pavimento, a criação

de uma sala de História Natural demonstra a idéia de renovação pedagógica. Um gabinete médico é instalado. A preocupação com a parte espiritual nunca foi deixada de lado e como prova disso foi construída neste período uma gruta, próxima ao pátio arborizado, em homenagem à Nossa Senhora de Lourdes. Em 1952 foi criada a sala de comunidade. Em 1958, constrói-se uma nova e artística capela. A construção sucessiva de várias capelas, sempre acompanhando as ampliações do prédio, denota o valor dado à espiritualidade.

[...] Peguei o período em que derrubaram umas casas ao lado e o pátio se tornou grande, também derrubaram o internato e aquilo lá se transformou em sala de aula e uma grande capela. Tinha uma capela pequena também, de Nossa Senhora, bem engraçadinha e com flores cor de rosa e essa desapareceu para dar lugar a uma maior. O pátio era grande, tinha arvoredo [...] (Maria Zilda da Cruz).

Entretanto, nota-se que a partir da primeira metade do século XX a população mais nobre de Santos, que residia nas regiões do Paquetá, Mercado e Vila Nova migra para as proximidades das avenidas Ana Costa e Conselheiro Nébias, bem como para a orla das praias do Boqueirão, José Menino e Gonzaga. Esse fato deve-se à expansão portuária e comercial de Santos que trouxeram consigo as facilidades de comunicação entre essas áreas. No entanto, mal a Vila Nova havia ganho o feito de um bairro elegante, a modernização do porto e do comércio de Santos deslocam a elite em direção à praia. Tornam-se cada vez maiores as facilidades de comunicação entre os bairros e, dessa forma, novos espaços residenciais surgem para abrigar as classes sociais mais abastadas. O bairro entra em decadência e torna-se uma área de comércio e oficinas, os palacetes e casarões se transformam em casas de cômodos ou cortiços, com seus porões super-habitados.

Os velhos casarões e sobrados do antigo bairro chique da cidade passaram, então, a ser ocupados, ou por famílias da classe média, principalmente na Vila Nova, ou por famílias da classe pobre, que transformaram em casas de cômodo ou em cortiços, como no momento são encontrados os que ainda resistiram à ação do tempo. Entrementes, faziam-se novas construções na área, principalmente de grandes armazéns para alojamento do café, ou de depósitos de mercadorias diversas, de moinhos de trigo como os “Paulista” e “Santista”, de pequena oficinas mecânicas, ou então (caso mais comum nos últimos tempos), de abertura de casas de comércio promíscuo, onde se multiplicam não só os pequenos bazares, empórios, como, especialmente, bares e cafés em grande quantidade. (ARAUJO FILHO, 1965, p.61).

No entanto, na madrugada de 09 de janeiro de 1967, os alicerces do colégio foram literalmente abalados. A explosão do Gasômetro, localizado a poucos metros da escola, trouxe prejuízos incalculáveis. Porém através do auxílio de alunos, pais, professores e a própria sociedade santista, que se prontificou a ajudar na arrecada-

ção de fundos, foi possível retomar as atividades educativas em março do mesmo ano.

Aconteceu

Madrugada de 9 de janeiro. Um estampido ensurdecedor e uma claridade extraordinária acordaram de súbito a população santista. Eram 3 horas e 3 minutos. Madrugada típida e calma, Uma explosão do Gasômetro [...]. Subitamente, o estrondo acompanhado do fogo, e... a seguir, um quebrar de vidros, telhas, traves, portas e janelas. Portas e janelas arrancadas e jogadas longe... Foram minutos de susto. Acordar e sair da casa, foi um instante não só para as Irmãs, como toda a zona, ou melhor, todos os moradores desta zona, com uma área considerável. Até no Guarujá vidros de janelas foram quebrados. As Irmãs desceram como se encontravam na cama, já pisando num tapete de vidros estilhaçados. Apagado o fogo do gaz, pudemos voltar à clausura buscar nosso hábito. Os prejuízos materiais foram enormes. Os estragos aumentaram pelo fato, de no mesmo dia, começaram cair chuvas muito fortes e se prolongaram por diversos dias. A casa destelhada... as águas entraram. Resultado: assoalhos, paredes, fôrros, etc, ficaram em condições lastimosas, especialmente o salão de festas e a capela. Apesar de tudo, os danos foram só materiais. Deus manifestou o seu Paternal cuidado. Depois de acalmado o pânico, só podíamos dizer: Obrigada, meu Deus. Agradecidas, Senhor. Ninguém levou ferimento maior. Nenhuma morte. Tôdas salvas. O mesmo constatou-se com os habitantes da região. Foi um verdadeiro milagre. Logo foi noticiado, por telefone, a Provincial que sem demora veio a Santos em companhia de Madre Alice e de Madre Arsênia a nos dar assistência. Por alguns dias passamos a residir na Casa da Criança. Aos poucos, pudemos voltar, desde que foi possível consertar o pavilhão da Ala São José, a menos atingida. Grande foi o auxílio prestado pelos pais das alunas, não só nas primeiras semanas como no decorrer do ano, ajudando-nos com contribuições mensais extra, festas, pedágios, etc, para podermos refazer o Colégio. Aqui consignamos nosso agradecimento. O generoso "Deus lhe pague" à querida Mãe Geral, que, de Porto Alegre veio até nós no dia 10 para ver de perto os estragos e sobretudo a nos trazer sua valiosa presença, o conforto moral. Logo que voltou para Porto Alegre, enviou para cá Madre Domingas com auxílio monetário. Outras Madres da Província vieram nos confortar, como Madre São Felix, do Rio de Janeiro e Madre Nadir de Rio Claro. A todos nosso agradecimento. Agradecemos outrossim a equipe da Refinaria A.B. de Cubatão pelo trabalho maravilhoso realizado; limpando a casa e áreas recobertas de cacos de vidros, secando os pisos que as chuvas enviaram casa adentro, telhando a casa, etc. Gesto todo caridoso e de imenso auxílio para a Comunidade. Agradecidas. Deus reserve a todos, uma soma de recompensas eternas. (**Crônicas**, 1962-1975)

Até 1972, ano em que o prédio foi vendido, outras pequenas mudanças foram realizadas, mas sem muita expressão, sem alterações significativas na distribuição do espaço interno da escola.

A partir da análise iconográfica notamos a presença de símbolos que remetem à fé católica, como a presença da cruz e de imagens sacras nos recintos. Observamos ainda a preocupação em professar a religiosidade, seja no espaço ou na vivência escolar:

Percebe-se assim, na própria orientação da Igreja, a preocupação com a organização do espaço destinado às jovens católicas. Convicta de sua missão educadora, a Igreja Católica procurou ordenar métodos, as teorias, as práticas, os espaços escolares. As construções escolares católicas deveriam demonstrar a presença de Deus. Fosse na capela, no desenho arquitetônico, na utilização da cruz como ornamento ou ainda em imagens distribuídas por toda a escola, tudo deveria lembrar às alunas a presença de Deus. (CHORNOBAI, 2005, p.217).

O paradigma “tornar-se um católico” é amplificado pela refração da realidade educacional através das lentes de imagens estrategicamente colocadas e de artefatos religiosos que envolvem os estudantes em um miasma ideológico fortemente carregado de significação e sentido. (MCLAREN, 1992, p. 242).

O Coração de Maria mantém-se no mesmo endereço da rua Constituição até 1972 (quando o prédio é vendido e passa a funcionar em um outro local), atendendo principalmente a classe média, mas ainda como um estabelecimento de grande prestígio.

Em 1972, começa a funcionar, à noite, a Faculdade de Educação Moral e Cívica (em salas alugadas pela direção da escola). Em pouco tempo o prédio fora vendido para essa instituição. Devido ao forte apelo da sociedade para que o colégio prosseguisse com suas atividades, em 1973 ele passou a funcionar na Casa de Nossa Senhora, entidade mantida pelas Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado, situada na Avenida Rangel Pestana, 395 no bairro do Jabaquara, onde permaneceu nessa casa alugada até julho de 1974. Durante este ano, a Escola Madre Bárbara, da Congregação do Imaculado Coração de Maria, foi cedida para reformas e ampliação.

Criada em 1959, no bairro da Ponta da Praia, a Escola Madre Bárbara estava destinada à educação das crianças mais necessitadas. Para a construção da edificação a Congregação contara com o auxílio financeiro da Prefeitura da cidade (sob a gestão do prefeito Sílvio Fernandes Lopes), além de contribuições de particulares e de nomes importantes da sociedade santista como Artur Rivau (vereador municipal) e Suetônio Bittencourt (então delegado de ensino de Santos), que doou carteiras, mesas e armários para equipar as salas de aula. Possuía um curso primário gratuito, além das aulas de catequese. Neste espaço teve continuidade, em agosto de 1974, o Colégio Coração de Maria, onde permanece até hoje, na Avenida César Lacerda de Vergueiro, 45.

Referências

- ARAÚJO FILHO, José Ribeiro de. *Santos, o porto do café*. Rio de Janeiro: IBGE, 1969.
- _____. *A Baixada Santista: aspectos geográficos*. São Paulo: EDUSP, 1965.
- BENCOSTTA, Marcus Levy (org.). *Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos*. São Paulo: Cortez, 2007.
- BUFFA, Ester. Os estudos sobre instituições escolares: organização do espaço e propostas pedagógicas. In: SAVIANI, Dermeval et al. (orgs.). *Instituições escolares no Brasil: conceito e reconstrução histórica*. Campinas: Autores Associados, 2007.
- CHORNOBAI, Gisele Quadros Ladeira. Respirando a fragrância da piedade cristã: considerações sobre o espaço escolar católico: a Escola Normal de Sant'Ana (1947-1960). In: BENCOSTA, Marcus Levy Albino (org.). *História da educação, arquitetura e espaço escolar*. São Paulo: Cortez, 2005. p. 192-219.
- _____. Espaços, usos e funções: a localização e disposição física da direção escolar na escola graduada. In: BENCOSTA, Marcus Levy Albino (org). *História da educação, arquitetura e espaço escolar*. São Paulo: Cortez, 2005.
- MCLAREN, Peter. *Rituais na escola: em direção a uma economia política e gestos na educação*. Petrópolis: Vozes, 1992.
- PEREIRA, Maria Aparecida Franco. *Santos nos caminhos da educação popular: (1870-1920)*. São Paulo: Loyola, 1996.
- SOUZA, Rosa Fátima de. *Templos de Civilização: A implantação da Escola Primária Graduada no Estado de São Paulo*. São Paulo: Ed. da UNESP, 1998.
- VIÑAO FRAGO, Antonio; ESCOLANO, Agustín. *Currículo, espaço e subjetividade: a Arquitetura como programa*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- _____. *Tiempos escolares, tiempos sociales*. Barcelona: Ariel Practicum, 1998.